

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB**

IH-INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO - BACHARELADO EM HUMANIDADES

PROJETO DE PESQUISA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O RAP COMO FERRAMENTA POLÍTICO-PEDAGÓGICA, E DE
EMPODERAMENTO FEMININO: OLHARES SOBRE O SINTA A
LIGA CREW**

RAISSH KELV MOREIRA DE SOUSA

Acarape

Fevereiro de 2020

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB**

IH-INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO - BACHARELADO EM HUMANIDADES

PROJETO DE PESQUISA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O RAP COMO FERRAMENTA POLÍTICO-PEDAGÓGICA, E DE
EMPODERAMENTO FEMININO: OLHARES SOBRE O SINTA A
LIGA CREW**

Projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de trabalho de conclusão de curso III para obtenção de título de graduado, sob regência do Prof. Dr. Igor Monteiro Silva e para nortear a execução de pesquisa e escrita de artigo.

RAISSH KELV MOREIRA DE SOUSA

Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva

Acarape

Fevereiro de 2020

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	OBJETIVO	7
2.1.	Tema	7
2.2.	Delimitação do tema	7
2.3.	Objetivo geral	7
2.4.	Objetivo Específico.....	7
2.5.	Hipótese	7
3	JUSTIFICATIVA	8
4	REFERENCIAL TEÓRICO	11
4.1.	Gênero e o rap feminino com Sinta a Liga Crew	12
4.2.	Rap, ferramenta política pedagógica.....	14
4.3.	Empoderamento e o protagonismo social	16
5	METODOLOGIA	20
6	CRONOGRAMA	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O rap está para minha vida da mesma maneira que o café está para as manhãs. Decerto essa afirmação pode parecer questionável, uma vez que tem os que optem por um bom copo de leite quente ou um refrescante suco de abacaxi com hortelã, mas há também os que prefiram nem tomar café da manhã. Mas a importância da nossa primeira refeição do dia é inquestionável, pois é pela manhã, ao acordar, que se faz necessário fornecer energia para que sejam realizadas as tarefas do dia.

A música sempre fez parte da minha vida desde muito menina, criada no sertão com meus avós, rodeada de animais, dentre eles cavalos e bois, era a típica criança do interior. Quando me remeto a essas recordações ainda consigo sentir o cheirinho do café da minha avó, e ao fundo no seu rádio a pilha tocando a Saga de um vaqueiro e eu me pondo a cantar e dançar, afinal ele estava ali a descrever nosso cotidiano da vida no sertão.

Cresci, mudei do interior para cidade, e a Saga de um Vaqueiro já não me tocava como antes, já não havia mais cavalos e bois, do mesmo modo também não havia cheirinho de café da minha avó. Em vez disso, pessoas transitando, havia delas inertes sob seus cobertores, crianças pedindo um trocado, tem delas que ficam nas esquinas, e eu me perguntando “o que essas pessoas estão fazendo aí?”, “quem são essas pessoas?”. A cidade é uma “selva de pedras, ela esmaga os humildes demais” assim ouvi dizer Racionais.

Perguntas como essas que muitas vezes as pessoas não sabiam como me responder deixavam-me desorientada. Foi quando me dei conta que o direcionamento das questões não estavam apontado para as pessoas certas. Racionais¹ cruzou essa linha abissal de questionamentos de forma tocante, pois respondia as minhas dúvidas acerca dos papéis sociais dessas pessoas. Mano Brown, Edi Rock, KL Jay e Ice Blue, foram minha primeira experiência enquanto uma interlocutora do diálogo no rap.

¹ Racionais é um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988, é formado por Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay

O rap cantado pelos Racionais esclareciam a questões que me surgiam enquanto uma adolescente, descobrindo uma realidade que não existia dentro das cercas de arame farpado da fazenda onde cresci. Perguntas do tipo, “porque tanta violência, tiros e policiais?”, “Quem moram nesses morros, e por quê?”. O gênero Gangsta² rap mostrava-me em suas letras as realidades vividas por esses sujeitos, que eu só conseguia ver por de fora dos muros. Dessa maneira, pude perceber que certamente o copo de leite quente não me sustentava até minha próxima refeição, não pela razão de indiferença a tal realidade, mas pelo fato de que minha representação feminina nas narrativas dos MC’s³ era de subalternização.

Novos estilos de rap surgiram como, o trap⁴, freestyle⁵, underground⁶ dentre muitos outros. Tais estilos me mostravam realidades próximas a minha, além disso conseguia enxergar cenas do meu cotidiano nas narrativas referidas pelos rappers, igualmente das dificuldades de conciliação da rotina de estudos e trabalho para complementar a renda de casa, a tribulação diária de coletivos lotados, bem como os estigmas impostos de incapacidade por nos tratarmos de pessoas humildes. O rap alternativo por ser um estilo que combina vários outros estilos como mpb, funk, reggae, etc., torna a linguagem dos sentimentos mais acessível e se enquadrava melhor a minha carência de significados.

O rap alternativo logo representava a “refrescância” neologismo da metáfora que utilizei para me referir ao suco de abacaxi com hortelã. Da mesma maneira esse estilo não me supria em minhas necessidades de representação, sentia que faltava algo nesse cenário. Então percebi que era eu quem faltava ali, o eu

² É um gênero de letras violentas e normalmente tendem a abordar a sociedade (predominantemente de classe baixa), racismo, abuso de autoridade, brutalidade policial e criminalidade, e mostrar ao mundo a injustiça e os problemas sociais, e a partir disso, abrir os olhos de quem não liga para a dura realidade da violência nas ruas, mesmo que isso atinja diretamente o ouvinte.

³ MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias, que se pronuncia "eme ci". Os MCs normalmente escrevem as suas letras e as comunicam ao público em rap. Dependendo do gênero musical adotado (hip hop ou funk), o estilo de atuação do MC vai ser muito diferente.

⁴ Trap é um sub gênero do rap que se originou na década de 2000 com DJ Paul no sul dos Estados Unidos. Ganhou popularidade em meados de 2007 com o surgimento de vários grupos de rap.

⁵ Freestyle rap (literalmente rap livre) é um subgênero da música rap e Freestyle. Se caracteriza principalmente por letras improvisadas do rapper, expressando o que sente sobre determinado assunto, mas mantendo um flow certo.

⁶ Underground pode estar ligado ao estilo de música descrito como hip hop alternativo (onde os próprios artistas se relacionam com gravadoras independentes) ou também como rap alternativo (no qual se define como um estilo musical próprio, que se diferencia do rap mais comum, como por exemplo, o gangsta rap)

mulher, mas não a figura hipersexualizada e objetificada que os Racionais descrevia na música estilo cachorro que dizia, “Mulher e dinheiro, dinheiro e mulher quanto mais você tem muito mais você quer”. Mas também não me encaixava no papel secundário que muitos rappers do estilo freestyle me submetia.

Lembro-me como ontem eu em frente à televisão trocando de canal aleatoriamente quando me deparo com uma mulher negra, cantando rap no palco do Altas Horas⁷, e quase que instintivamente uma convergência de significados no rap proferido pela rapper Karol Conka⁸ transborda meu ser. Inquestionavelmente aquela narrativa era a qual me representava, não apenas por ser uma mulher declamando vivências do seu lugar social mas, também por ela desmanchar e reformar o paradigma de que rap não é pra mulher é “coisa de homem”. Ademais, Karol Conka protagoniza toda a autonomia feminina com muita classe, propriedade e feminilidade no cenário do rap.

Dessa maneira a nova Golden era⁹, de influências femininas no rap, vem aos poucos ganhando espaço nas mídias, nos palcos, bem como também na educação de jovens que buscam autonomia, reconhecimento e também representatividade. Em virtude dos fatos mencionados, surgiu-me uma necessidade de compreender o porquê da subalternização das mulheres, e como tal condição reflete em letras de rap, secundarização das mesmas no panorama social e o pouco protagonismo feminino nesse quadro.

Por consequência surgiu-me o interesse de entender como o rap produzido por mulheres, em especial o grupo Sinta a Liga Crew, buscam conscientizar as jovens a partir das suas experiências? Como as rappers buscam articular música, conscientização a respeito da educação de gênero? E como as meninas do grupo trabalham o empoderamento feminino?

⁷ Programa da emissora Globo comandado por Serginho Groisman, o programa conta com a presença de convidados para um bate papo com plateia e música ao vivo.

⁸ Karol Conka, é uma rapper, cantora e compositora brasileira. É reconhecida por suas canções que exaltam a força da mulher na sociedade.

⁹ Golden era é o nome dado a um período no mainstream hip hop, citado em 1985 até ao início dos anos 90, costumava ser caracterizado pela sua diversidade, qualidade, inovação e influência.

2 OBJETIVO

2.1. Tema

- Protagonismo feminino no rap.

2.2. Delimitação do tema

- Pensar o rap como ferramenta política pedagógica, em especial de empoderamento feminino a partir da experiência do Sinta a Liga Crew.

2.3. Objetivo geral

- Compreender o rap enquanto uma ferramenta pedagógica na produção de conhecimento de gênero e empoderamento.

2.4. Objetivo Específico

- Analisar o papel do grupo Sinta a Liga Crew, como mediadoras no processo de conscientização das mulheres.
- Analisar a partir do grupo Sinta a Liga Crew como o rap feminino nos possibilita inúmeras formas de adquirir conhecimento.
- Observar através das composições do grupo Sinta a Liga Crew, como empoderamento das mulheres através do rap as torna protagonistas sociais.

2.5. Hipótese

- Através das rimas cantadas e compartilhadas se faz processo de conscientização das mulheres.
- O rap como instrumento no processo de aprendizagem e construção do pensamento crítico.
- Por meio do Rap é concedido o poder de participação social das mulheres, autonomia e luta por direitos.

3 JUSTIFICATIVA

A sigla RAP surgiu do inglês que condensa as palavras “rhythm and poetry” que significa ritmo e poesia, juntamente com os elementos do braek¹⁰, o grafite¹¹, e o DJ¹² que juntos estruturam a cultura Hip Hop (HERSCHMANN, Micael. 2003). O hip hop se inicia nos Estados unidos na década de 70, o mesmo foi trazido pelos jamaicanos que viviam nos subúrbios de Nova York juntamente com as comunidades caribenhas, afro-americanas e latino-americanas, mais precisamente no Bronx onde se localizava a parte marginalizada da cidade.

No Brasil o movimento cultural ganha destaque no ano de 1986 na maior cidade do país, São Paulo. Os primeiros shows de rap na cidade tiveram como palco além das ruas e praças da cidade o teatro Mambembe, tendo como um dos pioneiros na difusão do gênero o DJ Theo Werneck. A partir daí surgiram grupos que são destaques até hoje no país, como; Racionais MCs, Pavilhão 9, Detentos do rap, Facção central dentre outros. O rap tem como principais características a batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso, com muita informação e pouca melodia.

Geralmente as letras são narrativas da vivência dos jovens que vivem à margem da sociedade, narrando suas dificuldade e a violência sofrida pelo sistema opressor, e é muito comum as gírias desses grupos serem inseridas nas letras de rap. O movimento hip hop vai muito além de estética e produção fonográfica, o rap é um estilo de vida que influencia o mundo inteiro, é construção coletiva de identidades, é conquista de espaço público, social e político.

Em meio a esse contexto social de violência e criminalidade, onde as denominadas “políticas públicas” de segurança e saúde não tendem a suprir de maneiras significativas as demandas desses sujeitos sociais, tem-se que elaborar novas formas de se fazer política. BERTELLI, Giordano (2017), atenta para a

¹⁰ Breakdance é um estilo de dança de rua, parte da cultura hip hop.

¹¹ Grafite é uma inscrição feita em paredes, um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto com essa finalidade.

¹² DJ é um artista profissional que seleciona e reproduz as mais diferentes composições, previamente gravadas ou produzidas na hora para um determinado publico alvo.

menção de “contramão” para nos conduzir na tentativa de abordar a periferia a partir da positividade de alguns traços de politicidade próximo a sua dinâmica sociocultural, em especial o rap. Devido a esse contexto social o rap foi um meio no quais muitos dos jovens buscavam ascensão social, ocupando as praças e ruas do bairro, pois, esses até então eram os únicos espaços de laser possível para esses jovens, vindo posteriormente ser as ruas o palco desse movimento cultural onde os grupos encontraram na música, poesia, na dança e na pintura uma forma de se expressar e de manifestarem a sua realidade e as contestações sociais.

A presente pesquisa é de importância significativa, para que posteriormente haja um aprofundamento na questão da pesquisa. Conforme podemos observar o atual cenário do movimento rap no Brasil ainda é predominantemente ocupado por vozes e corpos masculinos, a explicação dado para essa apropriação hegemônica masculina é que os rappers afirmaram desde o início a condição de antissistema Elaine de Andrade (1999) à segregação, ao racismo e à violência policial. Já são mais de vinte anos de atividade que coletivos femininos buscam a inserção dentro desse meio musical, combatendo diariamente o preconceito e o machismo dentro do próprio movimento como no meio social. O teor da politicidade no discurso do rap feminino ganhou um recorte feminista, com pautas voltadas a resistência, empoderamento, discriminação de gênero e opressão, pois as mesmas estão se fazendo protagonistas em espaços que antes não havia representatividade feminina, seja sendo no cenário do rap, no social ou profissional.

O rap aqui será trabalhado como uma ferramenta política pedagógica em especial de empoderamento feminino a partir da experiência do Sinta a Liga Crew. Segundo (Maria Farias, Deysene Costa. 2017) o empoderamento ocorre quando os sujeitos se mobilizam dentro de uma realidade que está vivendo, tomando novas percepções e autoconhecimento para a construção de uma nova realidade, então o empoderamento se torna uma instrumento de multiplicação de novas ideias. Tem sido muito vagaroso o processo de democratização da mulher na conjuntura do rap nacional, mas sem dúvidas são às mulheres sim a grande protagonista dessa conquista com seu charme, força, feminilidade e particularidades.

É válido salientar que a proposta desse trabalho é buscar no coletivo Sinta a Liga Crew, os mecanismos usados pelas mesmas para conscientizar as (os) jovens e mulheres através do rap feminino. Observa-se que o rap feminino se contrapõe ao machismo ainda presente na sociedade, politizando as questões de gênero, conceito utilizado por Piscitelli (2009) que foi desenvolvido para desnaturalizar a superioridade masculina tida como naturais atribuídas uns aos outros. Nessa pesquisa trabalhamos as seguintes problemáticas; 1) Compreender o rap enquanto uma ferramenta pedagógica na produção de conhecimento de gênero e empoderamento; 2) Analisar o papel do grupo Sinta a Liga Crew, como mediadoras no processo de conscientização das mulheres; 3) Analisar a partir do grupo Sinta a Liga Crew como o rap feminino nos possibilita inúmeras formas de adquirir conhecimento; 4) Observar através das composições do grupo Sinta a Liga Crew, como empoderamento das mulheres através do rap as torna protagonistas sociais.

No primeiro problema, sugerimos que através do rap se constroem mecanismos de intervenção por meio de práticas discursivas, musicais, eventos, palestras e estéticas que valorizam o “autoconhecimento”, conhecimentos de vivências dessa multiplicidade de identidades femininas, tornando-as assim protagonistas sociais.

A segunda problematização sugeriu-se que, através de formação pessoal e de vivências adquiridas pelas meninas do grupo Sinta a Liga Crew, são adquiridos conhecimentos em relação aos papéis de gênero, violência de gênero, machismo e empoderamento.

No terceiro questionamento levantado, sugerimos que em conjunto com o ensino formal e a comunidade são criados projetos, a exemplos, oficinas, palestras, festivais de rap que tenham como atuantes principais as mulheres com pautas de relações de gênero, sexualidade, machismo, sexismo e violência.

No quarto problema, buscamos por meio das letras compostas pelo grupo passagens que exponha o empoderamento feminino e sua autonomia no cenário musical e social, tornando-as então protagonistas em todos os meios sociais, musicais e profissionais.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa sobre pensar o rap como ferramenta política pedagógica, em especial de empoderamento feminino a partir da experiência do Sinta a Liga Crew, surgiu com o propósito de entender como o grupo de rappers formado por mulheres, trabalham o rap de forma que enalteça o papel político pedagógico dessa vertente musical, em especial ao ensino das relações de gênero. Desta forma, foram observados os projetos alternativos que as rappers criaram para que essa educação ocorra, como a organização do festival na paraíba protagonizado apenas por mulheres, que dispõe de oficinas, palestras, eventos, sem esquecer do nosso objeto de estudo o grupo Sinta a Liga Crew, e de suas composições que empoderam a figura feminina. Enfim, observar o rap como um todo, se está incentivando debates com as questões políticas, dando ênfase nas questões de políticas públicas voltadas para as relações de gênero.

São grandes os desafios e o esforço investido em mudanças na educação básica brasileira nos últimos anos, e isso se deve à falta de políticas públicas voltadas a educação, em especial as questões de relações de gênero, a xenofobia, e o racismo contemporâneo. Com essa preocupação Nascimento e arruda (2015) discorre sobre o Protótipos Curriculares de Ensino Médio e Ensino Médio integrado, proposto pela Unesco:

Com vistas a contribuir com a construção coletiva de um modelo educacional que responda às transformações científica, econômica, social e tecnológica, a Unesco (2013) desenvolveu um protótipo de currículo abrangendo o ensino médio e o ensino médio integrado à educação profissional, gerando uma matriz referencial, apoiada pelo Ministério da Educação, objetivando cumprir com o que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, garantindo a consolidação das aprendizagens necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e práticas de trabalho e sociais.

Ainda segundo Nascimento e arruda (2015) Esse protótipo busca, ainda, preparar adolescentes e jovens para enfrentar os problemas da vida cotidiana e de “participar na definição de rumos coletivos, na busca de uma perspectiva mais humana, para si mesmo e para a sociedade em que vive, promovendo o

aperfeiçoamento dos valores humanos e das relações pessoais e comunitárias” (UNESCO, 2013, p. 6).

4.1. Gênero e o rap feminino com Sinta a Liga Crew

A figura feminina a tempos vem buscando se inserir no meio da cultura hip hop. Em 1984, a nova-iorquina Roxanne Shanté tinha 14 anos quando ficou conhecida por rebater grupos de rappers masculinos em batalhas. Shanté explica em entrevista para a revista Billboard que, “Os rappers homens acharam que eu estava tumultuando as coisas. Se a melhor rapper do jogo é uma garotinha, então o rap não será mais visto como algo masculino” (Shanté,2018). Depoimentos como esse de Shanté deixa evidente o quanto à esfera do rap é discriminatória acerca da atuação feminina no estilo musical.

Nos anos seguintes ao estouro de Roxanne, a presença de artistas rappers femininas nos Estados Unidos aumentou. Nomes como MC Lyte, Queen Latifah e Salt-N-Pepa tiveram músicas em evidência. Sem dúvidas Shanté abriu as portas para as gerações seguintes de artistas do gênero.

Por consequência dessa forma de organização social baseada na discriminação fundamentada no sexo, como a diferença salarial entre homens e mulheres, a designação de qualidades masculinas e femininas ignorando as escolhas pessoais de cada um, a exemplo, quando uma escola infantil solicita aos pais materiais de cor rosa para uma criança do gênero feminino, ou que tarefas doméstica tem que ser realizadas apenas por mulheres. A mulher sempre foi submetida a uma condição subalterna na sociedade, marcada por uma sociedade patriarcal. Segundo Scott, J. et al. (1995 apud ANDRADE, 2016)

O patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade.

Nesse sentido o patriarcado é marcado pela supremacia masculina, desvalorizando a identidade feminina e atribuindo a atividade feminina apenas

no âmbito privado, ou seja, restrita exclusivamente a maternidade e a fazeres domésticos. Tal sistema se justifica, segundo Piscitelli (2009), mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas. Concepção como essa se faz notória o porquê da necessidade de falar sobre gênero atualmente. Ela continua argumentando que;

Na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade. (PISCITELLI, Adriana, 2009, p.119)

O grupo Sinta a Liga Crew aborda o tema do papel de gênero de forma simples em suas letras de rap, problematizando a atuação feminina no rap como a letra da música “Quem diss” explícita:

Quem disse que não pode o palco rimar de salto?

Dizem nunca, nunca existe pra quem luta e sonha alto

Sem ibope pra recalque comandante do flow tá aqui, vivo minha vida e o que está por vir, se vou de Louis treze ou Bacardi

Escuto Dina di até a Lil Kim de saia curta ou calça jeans, cabelo crespo ou lizim

Há! Há! Nego! Eu vou assim

Quem diss que não pode não?

Faço o que quero e nem preciso que aprove!

Quem diss que não pode ein?.

É perceptível na letra da música que as rappers se impõem quando questionadas acerca do que elas podem ou não fazer, sobretudo a respeito da feminilidade, pois o rap é tratado como sendo “coisa de homem”, por ser um gênero muitas das vezes mais agressivo, expressado com cólera, com gesticulações rudes. Tais emoções são atribuída a identidade masculina, que logo é um ideal voltado ao homem. O Sinta a Liga Crew se tratando de um

grupo composto por mulheres, com sua feminilidade, sexualidade atuando nesse âmbito causa antipatia da grande maioria dos rappers homens do gênero musical.

O grupo Sinta a Liga Crew, traz em muitas de suas composições a desconstrução de uma figura feminina subalterna, inferior, que desempenha papéis secundários na sociedade. Com a finalidade de atribuir autonomia as mulheres, músicas como “Correria”, “Campo minado” e “Quem diss” dá ênfase a essa mensagem transmitida pelas rappers. Pois expressam resistência e empoderamento feminino diante as adversidades e discriminações.

4.2. Rap, ferramenta política pedagógica.

O rap é conhecido como sendo um movimento da cultura hip-hop que mescla batida e poesia que desde a sua origem teve um forte apelo social. A intenção desse tipo de música é levar algo a mais além de diversão, aqui no Brasil o estilo musical é utilizado para além do entretenimento, contendo um papel pedagógico, com a finalidade de educar os jovens carentes e em situação de arbitrariedade. Em suas letras são proferidas críticas sociais, política, econômica e no caso do rap feminino ao patriarcado, desigualdades de gênero e sexualidade. Em um país onde a diversidade cultural existente entre os sujeitos é diversificada e marcada por desigualdades sociais, os planos de gestões, em especial de políticas públicas como segurança e educação. Por exemplo, a criação da primeira delegacia especializada em atendimento as mulheres vítimas de violência doméstica, direito ao voto denominado sufrágio, não suprem significativamente as necessidades das mesmas.

Decerto se analisarmos historicamente, tais direitos só foram concedidos as mulheres após muitas lutas de movimentos feministas para cessar as violências físicas, psíquicas, sociais e morais sofridas pelas mesmas. O direito garantido às mulheres mais conhecido atualmente é Maria da Penha, LEI N°11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da

Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (BRASIL, 2006)

Tais políticas públicas resultou pouca mudança nas estatísticas de violência contra as mulheres, a plataforma online Em.com.br¹³ publicou uma matéria com a seguinte manchete, **Lei Maria da Penha completa 12 anos e média diária de denúncias cresce** (2018). Tal fato pode ser explicado por conta do empoderamento das mesma, que agora sentem-se mais seguras para denunciar.

Em uma sociedade marcada pelo patriarcado onde a influência do mesmo envolve a construção e evolução humana, impactando diretamente a imagem feminina e seu papel social, familiar e profissional se faz necessário muito mais que apenas criações de leis para coibir violências contra as mulheres, e políticas de viés “intervencionistas” e “centristas”. Simone de Beauvoir, em seu livro O segundo sexo, ao contestar o efeito dessas lutas, afirma que:

Retirar as mulheres desse lugar só seria possível ao se combater o conjunto de elementos que impediam que elas fossem realmente autônomas: a educação que preparava as meninas para agradar aos homens, para o casamento e a maternidade; o caráter opressivo do casamento para as mulheres, uma vez que, em vez de ser realizado por verdadeiro amor, era uma obrigação para se obter proteção e um lugar na sociedade; o fato de a maternidade não ser livre; a vigência de um duplo padrão de moralidade sexual, isto é, de normas diferenciadas que permitiam muito maior liberdade sexual aos homens; e finalmente, a falta de trabalhos e profissões dignas e bem remuneradas que dessem oportunidade às mulheres de ter real independência econômica. (Beauvoir,1949. Apud PISCITELLI, 2009, p.131)

O rap busca métodos alternativos para mudar esse quadro de violações a partir das experiências do grupo Sinta a Liga Crew. Para desmanchar práticas como essa é preciso encontrar maneiras alternativas de educação para que haja

¹³ Publicado por João Henrique e Larissa Ricci. Acesso em <https://www.em.com.br>

conscientização desses sujeitos. Segundo Andrade (1999), “A precária se não inexistente políticas públicas voltadas para os jovens e o desconhecimento acerca da condição juvenil tem conduzido práticas e construções simbólicas que dificultam o diálogo entre os jovens e as autoridades escolares”. A vigência dessa realidade é tão perceptível que se reflete no grande número de evasão escolar de jovens meninas, por conta de gravidez na adolescência, abusos sexuais sofrido pelas mesmas, homofobias, transfobias.

Pela razão dos fatos mencionados o coletivo feminino Sinta a Liga Crew buscam se articular de diversas formas para construir métodos alternativos, para compreender determinadas realidades e posteriormente haver uma educação compartilhada. Como afirma as rappers Camila Costa e Kalyne Lima em entrevista para o programa Manos e Minas, “(...) a proposta é de promover o protagonismo das mulheres em diversas frentes. Além dos shows do grupo promover eventos, palestras e oficinas.” (Costa e Lima, 2019). Ações como essa são de conotação imensurável, pois são a partir delas que há a partilha de experiências e vivências das rappers e de outras figuras femininas.

As rappers da ênfase no primeiro álbum do grupo produzido em 2007 “campo minado” que através dele foram promovidos diversos projetos para Alencar o protagonismo feminino, educação a respeito da equidade de gênero, empoderamento, e resistência. Do mesmo álbum foram produzidos vídeos clips, turnês, além de um livro que chama “campo minado: uma história de mulheres no hip hop” e um festival produzido pelo grupo protagonizado apenas por mulheres do hip hop da Paraíba.

Iniciativas como essa de projetos educacionais informais para conscientizar e formar pensamentos críticos de adolescentes que vivem em situações de discriminação e opressão é de muita importância na sociedade brasileira que vivemos onde pouco se faz a respeito de políticas públicas voltadas a educação e projetos pedagógicos.

4.3. Empoderamento e o protagonismo social

Ao enunciar o conceito de empoderamento ligeiramente nos vem à cabeça a noção de poder, de força. Mas em suma não estamos errados. A palavra empowerment foi cunhada em 1977, pelo psicólogo norte-americano Julian Rappaport, a partir da palavra “Power” (poder) para defender que era preciso dar ferramentas a certos grupos oprimidos para que eles tivessem condições e autonomia de se desenvolver. O educador brasileiro Paulo Freire criou sua versão do termo para debater a proposta de Rappaport: para ele, eram os próprios grupos desfavorecidos que deveriam empoderar-se a si próprios.

E assim desde 2013, à época dos protestos e busca pelos primeiros picos de empoderamento vem ocorrendo em diversos grupos minoritários, em especial no movimento feminista. Dessa forma às rappers trabalham para empoderar mulheres periféricas a partir das composições autorais que celebram a luta social salientando o poder feminino, a liberdade e sororidade.

Como o grupo a ser analisado Sinta a Liga Crew possui muitas músicas, selecionamos alguns versos para que possamos refletir como as rappers se posicionam sobre o feminismo e como trabalham temas como a discriminação e o empoderamento das mulheres através do rap. Sobre o protagonismo, Kalyne Lima se posiciona em entrevista para o canal do youtube (website independente de curta documental), que está interessado em entender o empoderamento feminino através das artes, entre elas o rap. Kalyne se posiciona acerca da dificuldade que às mulheres tem de enfrentar para atuar no espaço de trabalho, no político, econômico, etc.:

É difícil pra “burro” ser mulher! Em qualquer área na verdade o mercado é difícil pra caramba, e é um desafio. Eu produzo eventos, e produzo arte e cultura na minha cidade desde 98, e de lá pra cá eu não vejo que as coisas foram promissoras pra’s mulheres. As mulheres se tornaram mais empreendedoras mas, a cena continua muito difícil, o território continua altamente hostil. (...) Todo meu trabalho ele tem essa consciência da importância do trabalho da mulher, da resistência. (LIMA, 2019)

A declaração da rapper, mostra o quanto é difícil nos libertar das amarras do patriarcado, mesmo quando gestões de políticas públicas criam “ferramentas” para nos inserir no mercado, no âmbito social. Pela mesma razão é que se faz necessário o feminismo se apropriar do rap enquanto ferramenta política

pedagógica, para que a partir das vivências do grupo sejam produzidos conteúdos de educação e posteriormente que haja o empoderamento dessa minoria.

Com letras fortes e cheias de informação sobre o protagonismo feminino em diversas áreas de atuação, o grupo se “liga” de forma disciplinada com parcerias de outras rappers, organizando eventos de rap com mulheres para mulheres, com o intuito de promover o empoderamento e protagonismo feminino.

Sinta a Liga Crew – Campo minado

Mina girando

Mina riscando

Mina pintando

Mina rimando

O campo tá minado pra quem anda vacilando

Cuidado, mano, porque eu tô te focando

Se eu mirar no preconceito você vai sofrer o dano

Sinta a liga

Sinta o clap

Sinta o peso do nordeste

Várias mina que dominam do mic até o cap/

Na letra de campo minado, nos primeiros versos já deixam bem explícito que elas “chegaram, chegando” para atuar em todos os elementos do hip hop, na dança, no grafite e na música e igualmente no rap. A letra retrata a tomada de consciência sobre algo que ainda está presente no cenário do rap, que é a pouca atuação feminina no meio musical em decorrência a discriminação ainda existente. Entretanto tal tomada não se aplica apenas no contexto musical do rap que é predominantemente dominado por homens, mas também a atuação em outros espaços de trabalho, como na aeronáutica, por exemplo, mulheres eram profissionais raras, na política, etc. Em entrevista para o blog Olhar Comunitário (Projeto de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba) grupo ressalta que:

É um ato político, o repertório do Sinta a Liga é bastante diverso, falamos de várias coisas, dentre elas, as conquistas feministas. Em todos os contextos que abordamos, a mulher é representada de forma positiva, isso tem duas perspectivas, uma que fortalece quem nos ouve e outra que reforça o que acreditamos. (Sinta a Liga Crew, 2018)

Sem dúvidas o repertório do Sinta a Liga Crew é um ato político, assim como seus próprios corpos em ação no palco, mostrando a resistência feminina em seus adereços e figurino, pois eram características femininas como essa que os rappers retiravam das mulheres que buscavam adentra no cenário musical, obrigando-as a se masculinizarem. As composições das rappers nunca deixam de trazer a sororidade e a empoderamento feminino, como a música Campo minado demonstra:

Campo minado – Sinta a Liga Crew

E é nessas fitas que a gente parte pra cima, diversidade que ensina, conceito que contamina e a rima que disciplina colada com outras mina.

Eu tô com as trapa, eu tô com as trans, eu tô com quem respeita a sigla.

Eu tô com as mana; tô com mina; tô com as mona; tô com as gay, em terra de machocrata, quem se desconstrói é rei.

Se o corpo é meu, é minha lei.

Desde pequenas, somos ensinadas a competir umas com as outras, e, infelizmente, essa realidade se estendeu à vários âmbitos sociais, em especial no trabalho. Mas a um agravante se lembrarmos que somos desfavorecidas em diversos meios. Muitas mulheres já perceberam isso e estão tomando iniciativas para aos poucos mudar essa realidade. O rap feminino como pode ser observado é uma desses instrumentos, pois é a partir dele que se faz a sororidade, como é cantado “e tô com as mana, tô com as mina, tô com as mona, tô com as gay” a partir dessa união são adquirido autoconhecimento de si, autonomia e que juntas possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos.

5 METODOLOGIA

O presente projeto consiste em uma pesquisa básica, tendo como objetivo pensar no rap como uma ferramenta político pedagógica, em especial do empoderamento feminino a partir da experiência do grupo Sinta a Liga Crew. A pesquisa é desenvolvida e produzida por meio de análise sistemática de vídeos no YouTube para que possamos compreender como está sendo trabalhado o rap enquanto uma ferramenta pedagógica na produção de conhecimento de gênero e empoderamento e descrever como determinados fenômenos ocorrem. A pesquisa descritiva, segundo Gil (2008), é aquela que descreve um fenômeno ou no nosso caso o grupo de rappers feminino.

A observação de determinados fenômenos, a exemplo o rap como ferramenta pedagógica na produção de conhecimento e empoderamento, não está isenta de uma não conclusão, pois ela se aproxima de uma pesquisa exploratória. Gil(2008), seguiu explicando que “pesquisas exploratórias tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipotéticos pesquisáveis para estudos posteriores”.

Como base na explicação de Gil, podemos compreender que a pesquisa realizada, é suscetível de receber impressões ou modificações dependendo de qual perspectiva o pesquisador irá abordar a temática do rap. Mas tomemos em consideração que faremos uma atuação prática, ou seja, a partir de análise das letras de composições do grupo Sinta a Liga Crew e entrevista já realizadas por outras(o) pesquisadores.

O estudo é de cunho descritivo e qualitativo, uma vez que partimos da observação sistemática de vídeos clips, entrevistas em vídeos, e análise de letras produzidas pelo grupo de rappers feminino da Paraíba, e propomos uma reflexão sobre às letras de rap cantada pelas mesmas, a teoria e as entrevistas.

A partir da observação fizemos leitura de Nascimento e Arruda(2015), Nunes Andrade (1999), Andrade, (2016), Pistelli(2009), Maria Farias, Deysene

Costa(2017), Beauvoir (1949) e Gil(2008) para embasar nossa pesquisa, esses autores contribuíram para nossas reflexões de como o rap é uma ferramenta pedagógica na produção de conhecimento de gênero e empoderamento e de como é importante encontrar meios para que tal conhecimento chegue com facilidade as (os) jovens.

Nascimento e Arruda (2015) discutem sobre os desafios enfrentados para que haja mudanças nas políticas públicas voltada para a educação em especial nos programas curriculares, que abordem questões sobre relações de gênero, identidades e violências. Nunes Andrade (1999) afirma que o rap é uma ferramenta alternativa de educação para as(os) jovens que estão à margem da sociedade. Pistelli (2009), Beauvoir (1949) junto com Andrade (2016) nos explica de uma forma bem didática como se é construído as relações de gênero numa perspectiva histórico-social.

6 CRONOGRAMA

ETAPAS	SET/1	OUT/1	NOV/1	DEZ/1	JAN/2	FEV/2
	9	9	9	9	0	0
Levantamento bibliográfico	X	X	X			
Fichamento de textos		X	X			
Coletas de fontes/Análise de fontes			X	X		
Elaboração de texto				X	X	
Revisão teórica					X	
Entrega final/Apresentação final						X

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. D. **RAP E EDUCAÇÃO, RAP É EDUCAÇÃO**. 1. ed. São Paulo: Selo negro, 1999. p. 24-25.

BRASIL. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.

BERTELLI, Giordano Bardin; FELTRAN, Gabriel. **VOZES À MARGEM: PERIFERIAS, ESTÉTICA E POLÍTICA**. 2. ed. São Paulo: EdUFSCar, 2017. p. 215-216.

FARIAS, M. G. G; COSTA, D. D. A. Empoderamento e protagonismo social no setor de referência de bibliotecas universitárias. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, PIBID/UFC, v. 22, n. 50, p. 1-14, mai./2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 27-30.

HERSCHMANN, Micael. **O FUNK E O HIP-HOP INVADEM A CENA**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 21-22.

NEXO. **A batalha pioneira da primeira estrela feminina do rap**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2019.

NOGUEIRA, Renzo Magno. A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero. **Revista Jus Navigandi**, teresina, v. 23, n. 5377, p. 1-2, mar./2018.

PISTELLI, Adriana. **DIFERENÇAS E IGUALDADE**. 1. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2009. p. 119-131.

YOUTUBE. **Empoderarte. Episódio 1 - Mulheres no Hip Hop**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nh2aDjIZPk4>. Acesso em: 16 nov. 2019.

YOUTUBE. **Manos e Minas | Sinta a Liga Crew**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5Q0h6O4TOY>. Acesso em: 1 nov. 2019.